

A SUPERDIVERSIDADE NA PAISAGEM LINGUÍSTICA DA CIDADE DE JUIZ DE FORA (MG): O USO DE DIFERENTES LÍNGUAS EM GRAFITES E PICHações

Mariana Schuchter SOARES¹
Ana Claudia Peters SALGADO²

RESUMO: O objetivo deste trabalho é reconhecer a presença de recursos de línguas políticas diversas em pichações e grafites na cidade de Juiz de Fora (MG), considerando os tempos de superdiversidade (VERTOVEC, 2007) em que estamos inseridos. A superdiversidade está ligada a fatores como o surgimento e a expansão da internet, a questões de mobilidade social e ao desenvolvimento da tecnologia em geral, que têm promovido contatos linguístico-culturais muito mais intensos e a ampliação dos repertórios comunicativos (RYMES, 2010). Assim, esta pesquisa de abordagem qualitativa e de base etnográfica busca descrever essa realidade, a qual existe no mundo inteiro em diferentes graus. Consideramos, portanto, fotografias da paisagem linguística da cidade voltadas para pichações e grafites com recursos em diferentes línguas, tais como inglês, italiano, espanhol e húngaro. Além disso, realizamos entrevistas com três grafiteiros da cidade. Esses dados coletados evidenciam como o grafite pode ser considerado tanto como parte de fluxos transculturais globais quanto como práticas subculturais locais (PENNYCOOK, 2009).

PALAVRAS-CHAVE: Grafites/pichações. Recursos linguísticos. Superdiversidade.

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora. *E-mail:* marischuchter@yahoo.com.br

² Universidade Federal de Juiz de Fora. *E-mail:* ana.peters@ufjf.edu.br

Introdução

As cidades contemporâneas são marcadas por um grande número de variados estímulos visuais, o que inclui placas de estabelecimentos comerciais, *outdoors*, letreiros luminosos, *banners* e cartazes. Além dos anúncios publicitários, há ainda placas indicativas de lugares, nomes de prédios, sinais de trânsito, propagandas políticas, etc. Tudo isso faz parte da paisagem linguística (e social) urbana.

De acordo com Shohamy e Gorter (2009, p. 1), enquanto a língua é utilizada pelos indivíduos para falar e ouvir, é também representada e exibida de forma escrita, algumas vezes por razões funcionais e outras com propósitos simbólicos. Essas são representações criativas que compõem a ecologia em contextos locais, globais e transnacionais, em línguas múltiplas.

Nesse sentido, neste trabalho, buscamos discutir dois elementos que fazem parte da paisagem linguística da cidade de Juiz de Fora (MG): o grafite e as pichações. Consideramos, especialmente, os diferentes recursos linguísticos, de diferentes línguas políticas (inglês, português, italiano, etc.) utilizados nessas manifestações escritas. A diversidade de línguas presente nessas manifestações, consideradas como transgressoras por serem feitas de forma ilícita em sua maioria, evidencia a realidade urbana atual e as diferentes identidades que são construídas e que coexistem em um mesmo espaço. Nesse sentido, como afirma Pennycook (2009, [s.p.]), os grafites podem ser concebidos como as “*Twenty-First Century stained glass windows*”, i.e., “as janelas vitrais do século XXI”, por permitirem o acesso àquilo que acontece nas ruas e, ao mesmo tempo, nas mentes dos sujeitos contemporâneos.

É relevante destacar que a reutilização dos espaços públicos através dos grafites e das pichações constitui um desafio à propriedade privada, uma vez que a ordem simbólica é subvertida com a apropriação do espaço do outro. Assim, tanto a pichação quanto o grafite, se realizados em propriedade

alheia sem autorização, são considerados vandalismo e crime ambiental no Brasil, de acordo com a Lei n. 9.605/98 (Lei dos Crimes Ambientais), e a pena é detenção de três meses a um ano, e multa.

Ainda de acordo com Pennycook (2009, [s.p.]), o grafite pode ser considerado tanto como parte de fluxos transculturais globais quanto como práticas subculturais locais. Assim, apesar de essas manifestações artísticas e linguísticas existirem por todo o mundo, e de terem sua origem conhecida em Nova York (Estados Unidos), na década de 1970, elas ganham contornos locais, de acordo com as características de determinada região e de seus idealizadores. Dessa forma, analisaremos qualitativamente a paisagem linguística local, considerando aspectos históricos e culturais da cidade, bem como aspectos internacionais do grafite e questões de superdiversidade (VERTOVEC, 2007; BLOMMAERT, 2013), de forma a mostrar como esse ambiente urbano é delineado. Para isso, utilizamos algumas fotografias tiradas por toda a cidade, bem como entrevistas com grafiteiros/pichadores locais.

Assim, na primeira seção, discutimos a questão das diferentes línguas em tempos de superdiversidade, considerando as teorias de Vertovec (2007) e Blommaert (2013). Na segunda seção, apresentaremos o cenário da pesquisa, a cidade de Juiz de Fora, quanto a aspectos como os residentes estrangeiros em meio à população local, influências da Universidade Federal de Juiz de Fora como universalizadora de conhecimento e os movimentos migratórios do século XIX. Na terceira seção, por sua vez, mostramos e discutimos algumas fotografias tiradas pela pesquisadora na cidade em questão, as quais ilustram os usos de diferentes línguas nas pichações e grafites. Na quarta e última seção, apresentamos alguns fragmentos de entrevistas com três grafiteiros (ex-pichadores) da cidade de Juiz de Fora, incluindo aspectos como o uso de recursos de diferentes línguas nas pichações e a subjetividade em relação a essa arte de rua.

As línguas diversas em tempos de superdiversidade

Vertovec (2007, 2010) cunhou o termo superdiversidade, que tem sido utilizado em diversas áreas, tais como a Antropologia e a Linguística. Para ele, em décadas mais recentes, a natureza da imigração no contexto inglês – e, como acreditamos, em outros meio ambientes em diferentes graus e nuances –, tem originado um tipo de “diversificação da diversidade”, não apenas em termos de etnia e de origem dos imigrados, mas também no que se refere a “uma variedade de significantes variáveis que afetam onde, como e com quem as pessoas convivem” (VERTOVEC, 2007, p. 1, tradução nossa).³ Como acreditamos, apesar de se configurar em graus variados, a superdiversidade já está por toda parte, principalmente nos centros urbanos.

Nesse sentido, para Blommaert (2013, p. 10), a expressão superdiversidade se refere à “diversidade dentro da diversidade”, i.e., ao aumento na tessitura da diversidade das sociedades contemporâneas. Para o autor, esse fato tem relação com duas forças distintas, mas interconectadas, que emergiram praticamente no mesmo momento histórico e que afetaram a forma como os indivíduos organizavam suas vidas. Essas forças foram (i) o final da Guerra Fria (e as consequentes mudanças nos padrões migratórios) e (ii) a internet.

Na época da Guerra Fria, a ordem mundial era bem definida:

Pessoas de uma localidade não podiam frequentemente e facilmente viajar e interagir com pessoas de outro lugar; se o fizessem, poderiam inserir-se em circunstâncias severamente conflituosas, sendo consideradas como refugiados ou dissidentes. (BLOMMAERT, 2013, p. 10, tradução nossa)⁴

³No original: “[...] a variety of significant variables that affect where, how and with whom people live”.

⁴No original: “[...] people from one camp did not often or easily travel to or interact with people from the other camp; IF they did that, it would be under severely conflictual circumstances, as refugee or dissident”.

Com o final da Guerra Fria, em fins da década de 1980, os padrões de mobilidade humana começaram a mudar. Para Blommaert (2013, p. 11), a partir de então, mais pessoas de mais lugares migraram para outros locais, pelos mais diferentes motivos. Essa mobilidade foi ainda mais intensa com o surgimento da internet, que começou a expandir seus domínios no começo da década de 1990. Com isso, surgiram também o celular e os mais variados meios de comunicação. A tecnologia, de forma geral, desenvolveu-se, facilitando não apenas a comunicação a longa distância, mas também proporcionando viagens mais rápidas para lugares diversos.

Uma das consequências dessa superdiversidade é o aumento da imprevisibilidade. Agora, o “outro” é uma categoria em constante fluxo, sempre em processo de mudança. Sobre esse “outro” pouco se pode supor (BLOMMAERT, 2013, p. 11). Assim, para Blommaert (2013, p. 11), a superdiversidade é guiada por três palavras-chave: mobilidade, complexidade e imprevisibilidade.

Em meio a tantas transformações, estão os contatos linguístico-culturais. Esses se tornaram muito mais intensos a partir das mudanças em termos de mobilidade, o que sugere que a ideia de fronteiras linguísticas é um mero construto ideológico. Se antes as nações eram detentoras de suas “línguas” (enquanto instrumentos políticos), hoje já não o são. De acordo com Rajagopalan (2009, p. 65) sobre a língua inglesa (o que, na verdade, encaixa-se em todas as línguas do mundo em tempos de superdiversidade), a língua não tem pátria, nem está delimitada a uma região geográfica.

Portanto, se hoje temos contato constante com diversas línguas nas ruas da cidade – afinal, há falantes de pelo menos 180 línguas indígenas, mais ou menos 30 línguas de imigrantes e línguas de sinais, que convivem com o português no Brasil (Cf. dados do IBGE, 2002), bem como falantes e usuários de línguas estrangeiras (já nem tão “estrangeiras” assim) –, pela televisão, pelo rádio, pela internet etc., não há como dizer que somos monolíngues.

Temos repertórios comunicativos (RYMES, 2010) individuais, diferenciados pelos contatos linguístico-culturais e pelas experiências ao longo da vida.

Assim, através dos grafites e das pichações também é possível evidenciar o quanto os repertórios comunicativos estão diversificados, e o quanto a ideia de que “brasileiro só fala português” (que nunca foi verdadeira, mas que ainda se mostra presente no senso comum) está mais do que ultrapassada.

O cenário da pesquisa: a cidade de Juiz de Fora (MG)

Nesta seção, falaremos sobre o cenário desta pesquisa ainda em andamento: a cidade de Juiz de Fora. Assim, abordaremos os seguintes aspectos: (i) como a cidade é dividida; (ii) movimentos migratórios nos séculos passados; (iii) residentes estrangeiros em meio à população local; (iv) influências da Universidade Federal como universalizadora de conhecimento.

Juiz de Fora está localizada na Zona da Mata do estado de Minas Gerais, a cerca de 280 km da capital Belo Horizonte. De acordo com o *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁵, a cidade conta, hoje, com uma área de 1.435,664 km², dividida em oito zonas: Norte, Nordeste, Noroeste, Leste, Oeste, Centro, Sul e Sudeste. A Figura 1, a seguir, mostra o mapa da cidade:

⁵ Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 28 mar. 2012.

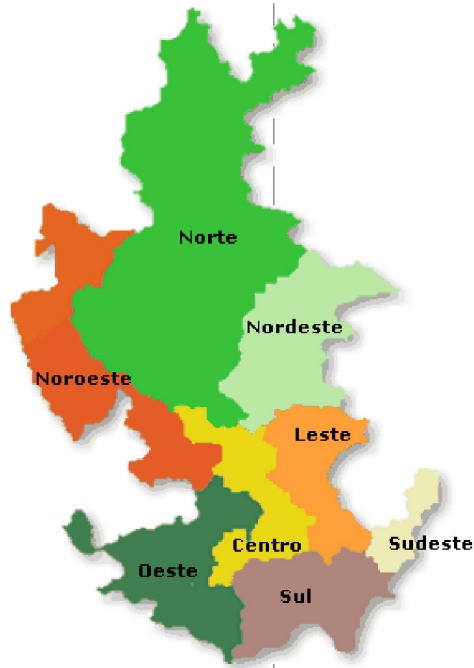


Figura 1: Mapa de Juiz de Fora dividido em zonas.

Fonte: Soares (2013)

A história da cidade sempre esteve pontuada por movimentos migratórios, desde sua fundação. Ela abrigou, no século XIX, indivíduos originários de diversas localidades do mundo. Primeiramente, recebeu uma enorme população escrava africana (em sua maioria, do agrupamento linguístico/cultural bantu), trazida através do tráfico negreiro, a partir do ano de 1870, para o desenvolvimento da produção cafeeira (CUNHA LACERDA, 2009). Já os italianos vieram por volta do ano de 1880 e se espalharam por várias regiões da cidade (sem que houvesse a formação de colônias), a fim de suprirem as necessidades de livre mão de obra, muito mais relacionada ao trabalho urbano do que ao agrícola (GAIO, 2013). No entanto, conforme demonstra o trabalho de Gaio (2013), a perda cultural e linguística foi muito grande, uma vez que as gerações mais novas sequer conhecem as origens de seus ancestrais. Além disso, os alemães, austríacos, dinamarqueses e holandeses

também emigraram de sua terra natal, a fim de formarem uma colônia agrícola e/ou trabalharem na construção da Estrada União e Indústria, no ano de 1858, estabelecendo-se na colônia D. Pedro II (SOARES, 2013), localizada na atual Zona Oeste da cidade e extinta em 1885. No entanto, apesar desse fluxo migratório, conforme demonstramos em Soares (2013), também houve a manutenção da língua portuguesa na cidade de Juiz de Fora e a perda das variedades de língua alemã, devido a diversos fatores ecológicos, dentre os quais está a hegemonia da língua portuguesa – eleita como “língua brasileira” desde os tempos remotos, o que tende a sufocar a autonomia dos falantes de outras línguas. Naquela época, com os conflitos mundiais e com a crescente tensão entre os interesses da nação hegemônica e das sociedades minoritárias que conviviam no mesmo território, as variedades de língua alemã se perderam, sem que exercessem influências significativas no “português da Vila de Santo Antônio do Paraibuna” (hoje, o português juizforano). Essa perda foi tão intensa que quase não encontramos marcas do alemão na paisagem linguística da cidade. Até o momento da pesquisa, foram encontrados pichações e grafites em línguas diversas, mas não em alemão.

Os movimentos migratórios, naquela época, aconteceram com o intuito de suprir as necessidades de mão de obra na cidade (bem como de fugir de problemas encontrados na terra natal dos emigrados), que estava em franco desenvolvimento. Nos dias atuais, pode-se dizer que a economia da cidade gira em torno, principalmente, do contingente populacional e turístico atraído pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), fundada no ano de 1960. De acordo com o professor do Departamento de História da UFJF, Marcos Olender, em entrevista ao jornal *Tribuna de Minas*, em 27/4/2012, “temos uma nova leva de visitantes de outras nacionalidades que se estabelecem temporariamente aqui [em Juiz de Fora], principalmente vinculados a programas de intercâmbio”. Ainda segundo a referida reportagem, a UFJF contava, na época, com cerca de 120 alunos estrangeiros, sendo muitos europeus e africanos.

Conforme dados do IBGE relativos ao Censo Demográfico 2010⁶, um terço da população de Juiz de Fora, naquele ano, não tinha nascido na cidade. Isso representava 173.209 de 516.247 habitantes. Ainda, cerca de 50.221 residentes em Juiz de Fora tinham vindo de outros estados. Esses números, conforme matéria publicada no jornal *Tribuna de Minas*, no dia 28/4/2012, não levavam em conta a maioria dos estudantes de fora, uma vez que as pessoas que têm família em outras cidades, mas vivem em Juiz de Fora e fazem uso da rede de ensino local, normalmente são contabilizadas como habitantes dos municípios onde seus pais residem. Por isso, o número de pessoas de fora presentes no dia a dia da cidade é ainda maior.

Em 2010, Juiz de Fora já era a segunda cidade mineira em número de residentes estrangeiros, somando 1.050 pessoas. O município, que tem a característica de atrair imigrantes, contava ainda com 186 habitantes naturalizados brasileiros. Hoje, esse número com certeza é muito maior. Isso porque a cidade cresce, a cada dia, a olhos vistos. Além disso, a Universidade Federal de Juiz de Fora, junto ao governo federal, tem expandido suas políticas de intercâmbio. Vários projetos, tais como o *Sisu*⁷ e o *Ciência sem fronteiras*,⁸ têm dado oportunidade a mais jovens de outras localidades de ingressarem na faculdade.

⁶ Disponível em: <http://www1.ibge.gov.br/cidadesat/painel/populacao.php?lang=&codmun=313670&search=minas-gerais|juiz-de-fora|infograficos:-evolucao-populacional-e-piramide-etaria>. Acesso em: 15 jun. 2012.

⁷ O *Sistema de Seleção Unificada (Sisu)* é o sistema informatizado gerenciado pelo Ministério da Educação (MEC), a partir do qual *instituições públicas de ensino superior oferecem vagas* para candidatas, de todo o Brasil, participantes do Exame Nacional de Ensino Médio (Enem).

⁸ O programa *Ciência sem Fronteiras* busca promover a consolidação e a internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional. A iniciativa é fruto de esforço conjunto dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação (MEC), por meio de suas respectivas instituições de fomento – CNPq e Capes –, e Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC. O projeto prevê a utilização de bolsas de intercâmbio, de forma que alunos de graduação e pós-graduação possam fazer estágio no exterior, bem como atrair pesquisadores do exterior que queiram se fixar no Brasil ou estabelecer parcerias com os pesquisadores brasileiros.

Assim, podemos dizer que o fator UFJF tem estabelecido novos padrões migratórios na cidade, uma vez que a instituição recebe: (i) estudantes de diversos lugares do mundo, como África, Coreia, Japão, Espanha, Alemanha, Argentina etc. em intercâmbio; (ii) alunos estrangeiros que se estabelecem como refugiados políticos; (iii) alunos que vêm de outras cidades e estados com diferentes falares; (iv) professores de diferentes origens que vêm participar de projetos ou para atuarem como docentes permanentes; (v) funcionários aprovados em concursos, com diferentes culturas etc. Esses novos padrões têm gerado muitos novos contatos linguísticos – com uma rapidez e uma inconstância muito maior do que nos séculos passados –, que foram surgindo ao longo do tempo e/ou que ainda estão em curso.

Como percebemos ao longo desta pesquisa, muitas das pichações e dos grafites realizados pela cidade se manifestam através de línguas outras que não o português. Apesar de tratarmos de um cenário específico, acreditamos que essa dinâmica intercultural reflete, em grande medida, o que tem ocorrido em outras partes do Brasil e do mundo, uma vez que há cada vez mais mudanças em termos de organização espacial – seja local ou translocal e/ou real ou virtual – e, conseqüentemente, em termos de diversidade cultural e de repertórios linguísticos. Uma vez que o mundo vem se tornando, ao longo do tempo, uma complexa rede de vilas, cidades, bairros ou assentamentos conectados por laços materiais e simbólicos de maneiras muitas vezes imprevisíveis, consideramos que é preciso que essa complexidade seja realmente examinada e compreendida (BLOMMAERT, 2012, p. 1).

As diferentes línguas nos grafites e nas pichações de Juiz de Fora: perspectivas em fotografias

De acordo com uma reportagem do jornal *Tribuna de Minas*,⁹ na Rua São Mateus, Zona Sul da cidade, ao longo de 1,4 quilômetro, há uma pichação a cada 20 metros em algum muro, parede ou portão. A realidade, segundo o jornal – e como podemos perceber ao circularmos pela cidade –, não é exclusiva daquela rua.

Grande parte dessas pichações (ou dos grafites) está em línguas diversas do português. Assim, a fim de ilustrarmos a presença das pichações em línguas diversas em Juiz de Fora, foram tiradas, até o momento, 150 fotografias pela cidade, algumas das quais apresentaremos nesta seção. Nelas, encontramos ocorrências com recursos linguísticos do inglês, do espanhol, do italiano e do húngaro.

Na Figura 2, a seguir, apresentamos uma pichação em língua inglesa, localizada na Zona Oeste de Juiz de Fora:

⁹ Disponível em: <<http://www.tribunademinas.com.br/uma-pichacao-a-cada-20m-na-sao-mateus/>>. Acesso em: 28 mar. 2012.



Figura 2: pichação na Rua Vicente José Weiss, São Pedro, 10
nov. 2014

O termo “shody”, presente na pichação da Figura 2, é utilizado como linguagem de rua, principalmente na Inglaterra, com o significado de “porcaria” ou “merda”. Nesse caso, vem acompanhado da palavra “Anark” (“anarquia” em português), mostrando o posicionamento político daquele que escreveu. Pode ser que essa também seja a assinatura de um “crew”, pois a mesma marca foi encontrada em outros lugares do bairro.

A Figura 3, a seguir, mostra novamente o uso da língua inglesa, dessa vez na Zona Norte da cidade:



Figura 3: Pichação na Avenida JK, Bairro Barreira do Triunfo, 21 set. 2014

Neste caso, foi utilizado o número “4” para representar “for”, recurso muito presente na internet. A ideia foi formar a expressão “forever true” (“para sempre verdadeiro”). Essa pichação ainda foi acompanhada da possível assinatura de um “crew”, “Brooklyn 14”, que remete à origem do grafite, em Nova York, nos anos 1970.

Na Figura 4, a seguir, apresentamos o uso de recursos linguístico do espanhol, na Zona Norte da cidade:



Figura 4: Inscrição em um grafite na Rua Cabo Raul José Maria, Bairro Barbosa Lage, 11 jan. 2015

Essa inscrição, acompanhada de um grafite feito em um muro de uma escola, mostra o uso de recursos do espanhol, que fazem parte do repertório comunicativo do escritor. Isso considerando que, para Rymes (2010, p. 528, tradução nossa), repertório comunicativo é “o conjunto de formas com que os indivíduos usam a língua e o letramento, bem como outros meios de comunicação (gestos, vestuário, postura ou acessórios) para funcionarem efetivamente nas múltiplas comunidades das quais participam”. Os termos “sin origen” (“sem origem”) e “sin proyección” (“sem projeção”) remetem ao caráter marginal do grafite, uma vez que a maioria dos artistas não tem reconhecimento e dispõe de pouco espaço para sua arte na sociedade.

A Figura 5, a seguir, apresenta o uso do italiano na Zona Oeste de Juiz de Fora:



Figura 5: pichação na Rua Mário Cruz Meyer, Bairro Dom Orione, 10 out. 2014

Nesse caso, a expressão “La famiglia”, do italiano, é utilizada juntamente com “to baum”, recurso do internetês do português. Essa construção informal é, atualmente, comum em *chats* e redes sociais, com o significado “estou bem”. É interessante notar como o repertório desse escritor é diversificado, uma vez que, nele, há recursos do italiano e do português da internet. Isso remete à questão levantada por Blommaert (2013), em que defende que uma das faces da superdiversidade é o desenvolvimento e o uso da tecnologia, considerando principalmente a internet. A fotografia em questão mostra, portanto, como os indivíduos são influenciados pelo meio ambiente virtual e, por isso, podem acabar transportando essa linguagem dos *chats* e redes sociais também para ambientes físicos.

Na Figura 6, a seguir, mostramos novamente o uso do italiano, também na Zona Oeste de Juiz de Fora:



Figura 6: Pichação/grafite na Rua Luiz Gonzaga de Araújo Evangelista, Bairro Estrela Sul, 05 out. 2014

Nesse caso, “La cranio” significa “o crânio” em português. Essa pichação (cujas letras desenhadas lembram o grafite) está localizada em frente ao maior *shopping* da cidade. É possível que essa seja uma marca de um “crew” (muito frequente entre as pichações e grafites da cidade) ou de um único indivíduo.

A Figura 7, a seguir, mostra o possível uso do húngaro na região central da cidade:



Figura 7: Pichação na Rua São João, Bairro Centro, 30 out. 2014

Conforme acreditamos, a palavra “ürban” (com trema) pode ser de origem húngara. Os termos “urban” (sem trema) e sua variação “ürban” foram encontrados em *sites* de origens diversas – inglesa, alemã, árabe, alemã, húngara etc., – com o sentido de “urbano”. No entanto, esse termo com trema também foi encontrado em passagens da bíblia húngara antiga com o significado de “Senhor”. Um exemplo é a frase “akik az **Ürban** bíznak, erejük megújul, szárnyra kelnek mint a saskeselyük¹⁰” (“aqueles que esperam no **Senhor** renovam as suas forças, sobem com asas como águias”), retirada de Isaías, Cap. 40, versículo 31. O *site Google Tradutor* também detecta a origem da palavra

¹⁰ Disponível em: <http://epa.niif.hu/02100/02190/00130/pdf/KM_1983_04_256.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2015.

como húngara. Além disso, atualmente o termo foi retomado pela ferramenta digital “Ürban Pad”¹¹ – desenvolvida pela empresa *Lionel Barret de Nazarís* –, a partir da qual é possível construir uma cidade em 3D.

A verdade é que não é possível saber se o escritor pretendia realmente colocar o trema ou se foi apenas uma marca de tinta não intencional. No entanto, independente disso, a foto mostra o quanto os repertórios comunicativos podem ser diversificados no meio urbano, considerando a existência de tantos recursos de diferentes línguas políticas. Assim, não acreditamos que o uso de línguas diferentes do português nessas manifestações artísticas esteja vinculado somente à origem norte-americana do grafite, uma vez que não há somente ocorrências de recursos do inglês, mas também de línguas latinas, europeias e euro-asiáticas em meio a essa paisagem.

O que dizem os grafiteiros (ex-pichadores) da cidade de Juiz de Fora?

Ainda buscando pesquisar a paisagem linguística da cidade, foram realizadas três entrevistas escritas, através de uma rede social, com grafiteiros (ex-pichadores) da cidade. As perguntas direcionadas aos entrevistados estão disponíveis no Quadro 1, a seguir:

¹¹ A partir desse aplicativo, é possível criar uma cidade 3D.

Quadro 1: Perguntas feitas aos grafiteiros (ex-pichadores) de Juiz de Fora

- 1) Por quanto tempo atua/atuou na cena grafite-pichação em Juiz de Fora?
- 2) Você fazia suas pichações escondido? Já teve problemas com a polícia?
- 3) Qual é a intenção do grafiteiro ou pichador ao fazer uma pichação? O que se busca expressar?
- 4) Estou pesquisando o uso de línguas estrangeiras em pichações em Juiz de Fora. Isso é muito frequente, principalmente em inglês, mas já encontrei também em italiano e em espanhol. Por que você acha que isso acontece? O que você acha que isso simboliza (ou representa)?
- 5) O que são os “crews”?
- 6) Li em alguns artigos que as pichações e o grafite estão ligados ao hip-hop e ao skate. É isso mesmo? Só temos pichadores em JF que curtem essas duas coisas?
- 7) Você conhece pichadores que são universitários? E da área de Letras?
- 8) Qual é a idade média dos pichadores-grafiteiros de Juiz de Fora?

Rodrigues (30)¹² atuou na cena grafite-pichação por quase 12 anos, de 2001 até meados de 2012. De acordo com o entrevistado, grande parte de suas pinturas era feita de forma ilegal. “Com o tempo fui criando uma consciência artística maior e ficando mais exigente com minhas pinturas, isso me levou a procurar lugares mais calmos ou legalizados para pintar” (RODRIGUES, 2015). Quanto à pergunta “qual é a intenção do grafiteiro ou pichador ao fazer uma pichação? O que se busca expressar?”, Rodrigues (30) disse:

No meu caso começou como revolta, mais [sic] logo se converteu em pura vontade de fazer sempre um trabalho melhor do que o anterior. *Com o tempo, pude conhecer escritores de graffiti de outras cidade e países, cada um com um estilo de pintura,*

¹² Os nomes dos entrevistados são fictícios, a fim de preservarmos suas identidades. Além disso, não modificamos as grafias das entrevistas realizadas pela rede social.

alguns muito bons, e isso acendeu em mim uma vontade muito grande de fazer parte disso como um dos melhores, o que me levou a estudar muito desenhos e manter sempre um compromisso com a qualidade de meus trabalhos. (Rodrigues, entrevista concedida em 19 jan. 2015, grifo nosso)

Silva (36), por sua vez, atua como grafiteiro há 10 anos em Juiz de Fora. Hoje, é reconhecido como artista e faz trabalhos voluntários ligados à arte do grafite. Para ele, a intenção do grafiteiro é “estar evoluindo e contribuindo com a cultura”. O entrevistado não falou sobre a questão das pichações e, através de suas colocações, é possível perceber que ele separa grafite (arte) e pichação (cuja conotação é negativa no meio social), considerando-se apenas como grafiteiro.

Júnior (40) atua desde 1997, antes como pichador e, atualmente, como grafiteiro. São 18 anos na cena grafite-pichação de Juiz de Fora. De acordo com ele, “[...] os tags “pichação” ficam no início da cultura, para depois saber que a atividade é responsável e legítima” (JÚNIOR, entrevista concedida em 20 jan. 2015). Ao responder a pergunta “qual é a idade média dos pichadores-grafiteiros de Juiz de Fora?”, afirmou:

Do conhecimento q [SIC] tenho geralmente são menores... pelo fato do conhecer, da adrenalina... temos q tratar esse assunto com mais seriedade, pois muitos morrem ou vão presos...e lá aprendem só mais ódio... nem tanto aqui, mas por todo o Brasil. (Júnior, entrevista concedida em 20 jan. 2015)

Rodrigues (30), por sua vez, corroborou a afirmação de Júnior (40): “adolescentes, acho que algo entre 15 a 25 anos. Mas ainda hoje temos os que chamamos ‘velha escola’, que geralmente são pessoas com mais de 15 anos de graffiti, então também tem alguns bem mais velhos”.

Silva (36) afirmou, também, que conhece universitários e até mesmo doutores que participam dos *crews*, os quais, segundo ele, “são grupos de

graffiteiros ou de Bboys¹³ ou até de *rappers* (mais comum nas décadas de 80 e 90)”. O *crew* do qual o entrevistado participa é intitulado “Underground” (Silva, entrevista concedida em 19 jan. 2015).

De acordo com Rodrigues (30),

Crews são os grupos que você faz parte. Se você faz parte de um grupo de amigos que sempre sai junto a pintar, é natural que formem um grupo, e divulguem o nome dele o máximo possível. Graffiti é muito sobre fama, mesmo que apenas entre os outros escritores, então se você faz parte de uma crew com 20 escritores que estão sempre bombardeando a cidade, ou que tem apenas os melhores escritores da cidade, ou do país, mais respeito você consegue nas ruas (Rodrigues, entrevista concedida em 19 jan. 2015, grifo nosso).

Conforme percebemos nas pichações presentes na cidade de Juiz de Fora, muitas delas consistem em assinaturas de diferentes “crews”, os quais competem entre si em relação à frequência, à qualidade e ao grau de dificuldade (os lugares mais altos e mais difíceis são os preferidos) de suas pichações. Assim como afirma Rodrigues (30), o grafite/pichação “é muito sobre fama”.

Nas entrevistas, destacamos a pergunta: “estou pesquisando o uso de línguas estrangeiras em pichações em Juiz de Fora. Isso é muito frequente, principalmente em inglês, mas já encontrei também em italiano e em espanhol. Por que você acha que isso acontece? O que você acha que isso simboliza (ou representa)?”. De acordo com Rodrigues (30),

Quando eu fazia parte da cena, o mais comum era simplesmente assinar um nome, quando se escrevia algo utilizamos sempre o português mesmo. *Mas sendo o graffiti uma cultura internacional onde os diversos escritores estão sempre em*

¹³ Bboy é o nome de quem pratica o *Break*, dança que representa um dos três elementos do Hip Hop (os outros dois são o rap e o grafite). O termo é a abreviação de *Break Boying* e foi criado no Bronx, na década de 70, pelo DJ Kool Herc. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cultura/a-historia-do-hip-hop-bboy-na-fita>>. Acesso em: 28 set. 2015.

contato com escritores de todos os cantos do mundo, seja em encontros ou através da divulgação do trabalho pela internet, pode se usar o inglês com uma tentativa de “internacionalizar” seu trabalho, e aumentar sua fama no meio. (Rodrigues, entrevista concedida em 19 jan. 2015, grifo nosso)

Segundo o entrevistado, os diversos “escritores” (nome que se dá aos pichadores e grafiteiros) estão sempre em contato com outras pessoas que fazem o mesmo trabalho, em diferentes lugares do mundo. Ele ainda cita possíveis encontros internacionais, bem como a internet (tão presente na vida de todos os indivíduos na era da superdiversidade). Já para Silva (36),

[...] o graffiti é de origem norte-americana, [sic] eu uso termos em inglês por se tratar da cultura que se desenvolveu em meados da década de 70 no Bronx, em Nova York, nos vagões do metrô. (Silva, entrevista concedida em 23 jan. 2015)

Assim, para o entrevistado, a origem norte-americana do grafite influencia o uso de línguas estrangeiras nessas manifestações em Juiz de Fora. Na verdade, como acreditamos, isso não aconteceria se a língua inglesa (entre outras LEs) não fosse, atualmente, tão presente no meio ambiente da cidade.

Júnior (40), por sua vez, respondeu: “dessa eu nem sabia... mais [sic] acho que fortalece a cultura, *pois mostra q está presente no mundo... sua voz*”. Assim como o grafite/pichação está presente no mundo, podemos dizer, pelo que observamos até o momento, que o mundo (e seus diferentes recursos linguístico-culturais) também está presente no grafite/pichação. Portanto, isso remete à existência de um caráter local, global e transnacional (PENNYCOOK, 2009) nas pichações e nos grafites de Juiz de Fora.

Considerações finais

Esta pesquisa qualitativa e de base etnográfica teve por objetivo reconhecer a presença de recursos de línguas políticas diversas em pichações e grafites na cidade de Juiz de Fora/MG, considerando os tempos de superdiversidade (VERTOVEC, 2007) em que estamos inseridos, através de fotografias e fragmentos de entrevistas como três grafiteiros locais. Nesse contexto, mostramos o uso de línguas como o inglês, o italiano, o espanhol e o húngaro nessas manifestações artísticas e culturais. Essa presença de línguas políticas diversas no cenário da cidade (o que reflete o que acontece atualmente em grande parte do mundo) evidencia aspectos de superdiversidade, marcada principalmente pela mobilidade social e cultural, bem como por avanços tecnológicos que permitem a comunicação em tempo real e o acesso instantâneo à informação. Isso quer dizer que as fronteiras linguístico-culturais não são uma realidade, e que estamos em um “mundo plurilíngue” – ou, nos termos de Rymes (2010), em um mundo em que diferentes repertórios comunicativos (RYMES, 2010), formados por fragmentos de línguas diversas, coexistem no mesmo espaço. Isso quer dizer que o mundo todo é plurilíngue, globalizado e dinâmico.

Dessa forma, mostramos o grafite, nos termos de Pennycook (2009), tanto como parte de fluxos transculturais globais quanto como práticas subculturais locais. Assim como o grafite e a pichação estão presentes no mundo, podemos dizer, pelo que observamos até o momento, que o mundo (e seus diferentes recursos linguístico-culturais) também estão presentes no grafite e na pichação.

SOARES, Mariana Schuchter; SALGADO, Ana Claudia Peters. The superdiversity in the linguistic landscape of the city of Juiz de Fora/Brazil: the use of different languages in graffiti manifestations. **Revista do GEL**, v. 12, n. 2, p. 112-137, 2015.

ABSTRACT: *The aim of this work is to discuss the presence of foreign languages in graffiti in the city of Juiz de Fora/MG, considering the superdiversity era (VERTOVEC, 2007) in which we are living. The superdiversity is linked to factors such as the emergence and expansion of the Internet, social mobility, and the development of technology in general, all of which have promoted much more intense linguistic and cultural contacts and the expansion of communicative repertoires (RYMES, 2010). Therefore, this qualitative and ethnographic research aims to describe this reality, one that exists around the world in different scales. We have gathered photographs of the city's linguistic landscape turned to graffiti written in different languages, such as English, Italian, Spanish and Hungarian. Furthermore, we conducted interviews with three graffiti artists of the city. These data collected evidence indicating that graffiti can be considered both as part of global transcultural flows and as local sub-cultural practices (PENNYCOOK, 2009).*

KEYWORDS: *Graffiti. Linguistic Resources. Superdiversity.*

Referências

BLOMMAERT, J. Citizenship, language and superdiversity: towards complexity. **Journal of Language, Identity and Education**, v. 12, n. 2, p. 193-196, 2013.

_____. **Ethnography, Superdiversity and Linguistic Landscapes:** Chronicles of Complexity. Bristol, UK: Multilingual Matters, 2013.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 28 mar. 2012.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Infográficos:** evolução populacional e pirâmide etária – Juiz de Fora. Disponível em: <http://www1.ibge.gov.br/cidadesat/painel/populacao.php?lang=&codmun=313670&search=minas-gerais|juiz-de-fora|infograficos:-evolucao-populacional-e-piramide-etaria>. Acesso em: 15 jun. 2012.

CUNHA LACERDA, P. F. A. da. **A língua portuguesa em Juiz de Fora no século XIX**: uma investigação sócio-histórica do falar da Zona da Mata Mineira. Relatório (Pós-doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

GAIO, M. M. **Imigração italiana em Juiz de Fora**: manutenção e perda linguística em perspectiva de representação. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

JÚNIOR. Depoimento [jan. 2015]. Entrevistadora: Mariana Schuchter Soares. Juiz de Fora, 2015. 1 arquivo, escrito. Entrevista 003/2015 concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

PENNYCOOK, A. Linguistic Landscapes and the Transgressive semiotics of graffiti. In: SHOHAMY, E.; GORTER, D. (Org.). **Linguistic Landscape: Expanding the Scenery**. New York, USA: Routledge, 2009.

RAJAGOPALAN, K. Vencer barreiras e emergir das adversidades com pleno êxito, sempre com o pé no chão. In: LIMA, D. C. de. **Inglês em escolas públicas não funciona**: uma questão de múltiplos olhares. São Paulo: Parábola, 2009. p. 55-65.

RODRIGUES. Depoimento [jan. 2015]. Entrevistadora: Mariana Schuchter Soares. Juiz de Fora, 2015. 1 arquivo, escrito. Entrevista 002/2015 concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

RYMES, B. Classroom Discourse Analysis: A Focus on Communicative Repertoires. In: HORNBERGER, N. H.; MCKAY, S. L. **Sociolinguistics and Language Education**. Bristol, UK: Multilingual Matters, 2010. p. 528-545.

SHOHAMY, E.; GORTER, D. (Org.). **Linguistic Landscape: expanding the scenery**. New York, USA: Routledge, 2009.

SILVA. Depoimento [jan. 2015]. Entrevistadora: Mariana Schuchter Soares. Juiz de Fora, 2015. 1 arquivo, escrito. Entrevista 001/2015 concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

SOARES, M. S. **Lieb heimatland, ade!:** o apagamento dos traços língua-cultura identidade alemães em Juiz de Fora/MG e a hegemonia da língua portuguesa. 2013. 147 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

_____. **Inscrição em um grafite na Rua Cabo Raul José Maria, Bairro Barbosa Lage.** 11 jan. 2015. 1 foto: color, digital. 2014.

_____. **Pichação / grafite na Rua Luiz Gonzaga de Araújo Evangelista, Bairro Estrela Sul.** 05 out. 2014. 1 foto: color, digital. 2014.

_____. **Pichação / grafite na Rua Mário Cruz Meyer, Bairro Dom Orione.** 10 out. 2014. 1 foto: color, digital. 2014.

_____. **Pichação na Avenida JK, Bairro Barreira do Triunfo.** 21 set. 2014. 1 foto: color, digital. 2014.

_____. **Pichação na Rua São João, Bairro Centro.** 30 out. 2014. 1 foto: color, digital. 2014.

_____. **Pichação na Rua Vicente José Weiss, São Pedro.** 10 nov. 2014. 1 foto: color, digital. 2014.

VERTOVEC, S. Super-diversity and its implications. **Ethnic and Racial Studies**, v. 29, n. 6, p. 1-42, 2007.